

15/12/2016 - 05:00

Escassez faz venezuelano trocar carne por banana

Por **Marsílea Gombata**

Na Venezuela, as prateleiras vazias causaram uma tremenda mudança no padrão de consumo da população. Sem os principais produtos da cesta básica e de higiene pessoal à mão, os venezuelanos se veem obrigados a improvisar e ser criativos para substituir itens como arroz, leite e desodorante.

Segundo relatório da consultoria Ecoanalítica, hoje o venezuelano compra o que consegue sem poder escolher marca. Com diminuição de subsídios para produtos básicos, as famílias se viram obrigadas a cortar gastos e substituir alguns produtos por outros. A escassez, lembra o documento intitulado "O Venezuelano Mudando Seus Padrões de Consumo", foi de 25,5% em julho de 2014 para 37,4% em julho deste ano. O Centro de Documentação e Análise para os Trabalhadores observa que o índice chega a 80% para alguns produtos, como açúcar e farinha.

O videomaker Vladimir Chelminsky, de 37 anos, conta que da noite para o dia a base da alimentação do venezuelano praticamente desapareceu. "Não encontrávamos mais arroz, leite ou harina pan (farinha de milho branco pré-cozida para fazer as arepas, espécie de tortinha tradicional)", lembra. "Há um ano comer arepa sem carne e apenas manteiga era algo ruim. Hoje é um super luxo."

Com falta de alguns itens e outros com preços nas alturas - como feijão e carne - a solução foi adaptar receitas. O plátano verde (um tipo de banana) é desfiado para fazer as vezes da carne de vaca no prato carne mechada (tipo de carne louca). A couve-flor é a protagonista do prato batizado de arroz de couve-flor. A ideia é refogar o legume em cubinhos para que fique com aspecto de arroz.

Com falta de farinha de trigo, muitos fazem suas próprias massas em casa, com superdoses de maisena ou farinha de arroz, antes exclusiva das papinhas infantis. Os ovos são substituídos por linhaça moída com água nas tortas salgadas. E o leite, antes de origem animal, agora é feito com sementes.

"O coco já foi uma alternativa para fazermos leite, mas pode chegar a 1.600 bolívares (US\$ 2,3 no oficial e US\$ 0,5 no paralelo)", explica Chelminsky, que vive em Caracas com a mulher e três filhos. "Passei a fazer leite de gergelim. Com 2.000 bolívares (US\$ 2,9 no oficial e US\$ 0,64 no paralelo), consigo leite para a semana toda."

As receitas levaram Chelminsky a criar em junho no Facebook a página "Aguantando la pela, peripecias, tips y soluciones alimenticias", que tem 94 mil membros. Tudo começou com a ideia de misturar farinha de milho tostado à vitamina matinal. "Percebi que era um tremendo café da manhã, mesmo sem pão, pois conseguia ficar quatro horas sem comer."

Além da escassez, um outro desafio imposto aos venezuelanos é o poder aquisitivo. Hoje, segundo a Ecoanalítica, a cesta básica consome 50% do salário médio do venezuelano. O salário mínimo, por sua vez, sofreu 14 aumentos desde que o presidente Nicolás Maduro tomou posse, em abril de 2013, mas são quase imperceptíveis frente à inflação anual na casa dos 315%.

"Com um salário mínimo de 27 mil bolívares (US\$ 40,2 no oficial e US\$ 8,7 paralelo), quem consegue comprar um pão de presunto com azeitonas a 10 mil bolívares (US\$ 14,9 no oficial e US\$ 3,2 paralelo)?", questiona o técnico de informática Wylmar Torres, que vive em La Trinidad, zona de classe média em Caracas. Ele reclama da falta de farinha de trigo e de itens de higiene, como desodorante. "Ainda tenho alguns que trouxe de viagem, mas quando acabar terei de fazer como muitos: misturar bicarbonato com limão e passar nas axilas."

O economista Jean-Philippe Pourcelot, da FocusEconomics, lembra que a escassez de itens básicos criou um mercado paralelo no qual os venezuelanos pagam um alto preço por produtos muitas vezes contrabandeados de países como Colômbia e Brasil.

A dona de casa Myrna Hidalgo, de 42 anos, por exemplo, não abre mão de comprar no mercado negro itens raros como absorventes. "Enquanto eu puder, compro um pacote de absorvente a 7.000 bolívares (US\$ 10,4 no oficial e US\$ 2,25 no paralelo), mesmo sabendo que deveria custar 1.800 bolívares (US\$ 2,6 no oficial e US\$ 0,58 no paralelo) no preço tabelado", conta. "Não quero fazer como as mais pobres que cobrem um pedaço de plástico com uma toalha para substituir o absorvente."

Um dos fatores que explica a aguda escassez deste ano é a queda das importações. Em setembro houve 52% de queda nas importações de bens de consumo, em relação ao ano anterior, de acordo com Francisco Rodriguez, da Torino Capital. A previsão é que o ano seja encerrado com uma queda recorde de 43,5%, sendo que em 2015 houve contração de 22,3% nas importações, e em 2014, de 18,5%.

Para combater a escassez, Maduro sugere que cada família seja autossuficiente em um produto agrícola, como tomate, e cultive plantas medicinais para driblar a falta de medicamentos.

"É um erro crer nisso como solução", avalia Betty Lugo, de 53 anos, que ensina cultivo orgânico em Petare. "Não temos espaço para plantar tudo o que precisamos comer."